



RESENHA: BAKHTIN E AS ARTES DO CORPO

REVIEW:
BAKHTIN AND THE ARTS OF THE BODY

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva¹
Universidade Federal da Bahia

Referência completa da obra resenhada:

BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos (orgs). *Bakhtin e as artes do corpo*. Hucitec, São Paulo, 2021. 214p.

¹ adriana.pucci@ufba.br

A recepção brasileira do pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1970) e de pensadores que com ele atuaram, como Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédev (1892-1938), comumente indicados como membros do “Círculo” ou dos “Círculos” de Bakhtin, deu origem a uma corrente de estudos que vem se consolidando, no Brasil, como Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Beth Brait (PUC-SP/CNPq), uma das organizadoras de *Bakhtin e as Artes do Corpo*, é o nome que centraliza essa vertente, ainda que não tenha sido a pesquisadora a propor formalmente a fundação de uma linha teórica. Essa linha surge na e pela recepção do pensamento de Bakhtin e do Círculo por intelectuais brasileiros, muitos dos quais orientados por Brait em estudos pós-graduados, que vêm desenvolvendo pesquisas fundadas na filosofia estética que emerge da obra dos pensadores russos mencionados e com envergadura que abarca as mais diversas áreas de atividade humana: uma visita ao Currículo Lattes de Brait atesta que, há vários anos, ela vem se dedicando à produção e orientação de pesquisas que versam sobre questões discursivas inerentes a múltiplas esferas de atividade, como Literatura, Artes visuais, Psicologia, Jornalismo, Ensino, Intepretação/tradução em Libras, entre tantas outras.

O coorganizador do livro é Jean Carlos Gonçalves (UFPR/ CNPq), cuja formação superior parte de estudos relacionados ao Teatro-interpretação, consolida-se em pesquisas na área da Educação, nas etapas de pós-graduação, e aprimora-se em questões discursivas em estágios pós-doutorais, sendo um deles já concluído, na modalidade júnior e outro, em andamento, como sênior, supervisionados pela própria parceira de organização de *Bakhtin e as artes do corpo*.

O livro resenhado é um marco na consolidação da ADD, pois materializa a potência de um pensamento sobre o discurso que vai muito além das questões

da materialidade verbal da linguagem. A apresentação da obra deixa explícita a originalidade do projeto, qual seja, provocar reflexões sobre “as contribuições e reverberações que ponham em diálogo os horizontes de compreensão das artes do corpo e seus elementos discursivos na contemporaneidade”. (p. 11). Em alguns dos capítulos apresentados, a discussão perpassa, ainda, pela questão do corpo em tempos de pandemia, submetido ao mundo virtual.

A obra constrói-se com cinco robustos ensaios. No primeiro, *Corpos espelhados nas dobras da arte e da vida: A desumanização*, escrito por Brait e Gonçalves, os autores-organizadores dão o tom do livro, definindo o conceito de Artes do corpo. Numa importante retomada, mostram como há fatos bibliográficos os quais atestam o interesse de Bakhtin e dos outros pensadores que contribuíram para o legado teórico e epistemológico da ADD por diversos campos artísticos.

De maneira sólida e original, Brait e Gonçalves resgatam a figura do duplo, presente em grandes obras do cânone literário ocidental, e cara a Bakhtin na construção do estudo sobre Dostoiévski, articulando-a discursivamente a duas categorias centrais em suas análises: a presença e a ausência. Construído o alicerce teórico, passam a refletir sobre um objeto estético específico em diferentes materializações (refletem, portanto, sobre quatro diferentes enunciados). Trata-se de *A desumanização*, de Valter Hugo Mae, em diferentes realizações: como texto literário (2013), e três adaptações suas para o teatro, sendo a primeira de 2019 e as duas últimas produzidas já no contexto da pandemia global de Covid-19, com as alterações na relação atores-público implicadas por esse contexto, em maio e outubro de 2020.

Os autores aproximam particularidades discursivas da relação entre os personagens do texto a questões que afetam os contempladores em diferentes versões de *A desumanização*. Se o duplo de William Wilson, de Edgar Alan Poe,

mencionado no capítulo, salta do espelho para a vida, as noções de duplo/presença/ausência parecem, no ensaio de Brait e Gonçalves, saltar do texto literário e de suas adaptações para a esfera da contemplação, fazendo-nos refletir sobre o corpo como elemento constitutivo do discurso, “tanto na arte quanto na vida” (p. 52), sobretudo nos tempos atuais, em que aprendemos a estar presentes na ausência.

No capítulo 2, Para uma filosofia do corpo em movimento, Dick McCaw, professor do departamento de Drama, Teatro e Dança da universidade Royal Holloway, em Londres, conduz a discussão a partir da premissa de que a obra de Bakhtin é precursora na construção do conceito de “significado encarnado”, ou seja, para o autor, dela depreende-se que qualquer enunciado assume seu tema de um lugar corporificado.

McCAw analisa a questão do horizonte espacial (do eu e do outro) com base em categorias exteriores ao pensamento bakhtiniano, que são as de orientação egocêntrica e orientação alocêntrica. O autor propõe diálogos entre a obra de Bakhtin e postulados de outros pensadores, muitos dos quais contemporâneos, os quais atuam em diversos campos, como Antropologia, Filosofia e Sociologia. Nesse diálogo, reflete sobre temas como tempo, movimento, processo e imagem. Para tanto, parte de uma suposta “insuficiência de Bakhtin em compreender como a experiência do próprio corpo é um importante gerador de sentidos para o eu como agente dirigido que se move” (p. 60) e aponta o que entende serem, na obra do mestre russo, limites ou lacunas no conceito de experiência, que estaria mais centrada no momento e não levaria em conta a questão do movimento.

Embora traga embates teóricos e não faça referência a conceitos de Bakhtin que colocariam em xeque algumas das lacunas apontadas, como o de Grande tempo, as reflexões do autor, em seu conjunto, põem em movimento a

recepção do pensamento bakhtiniano nos termos da ADD, ou seja, na consideração de múltiplas linguagens e no diálogo sempre aberto com outras posições teóricas e epistemológicas.

O terceiro capítulo, denominado O professor, seu outro e seu corpo – fragmentos de uma experiência no ensino universitário, é de Marília Amorim, professora aposentada da Universidade Paris VIII, com vasta trajetória de formação e atuação também em importantes universidades brasileiras, como a UFRJ.

A autora, cujos trabalhos sobre alteridade são canônicos para quem atua na ADD, parte de reflexões sobre sua atividade docente em Paris e nos brinda, ainda, com lembranças de sua época de aluna no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. O tom pessoal de certos trechos é indispensável para a profunda reflexão que Amorim faz sobre a situação de ensino como atividade discursiva e os interlocutores nela implicados.

A discussão parte da pergunta “Quem é o outro do professor?” (p. 84). Para além da óbvia resposta, que seria “o grupo de discentes”, a pesquisadora mostra que há, no jogo da alteridade em situação de ensino, o próprio saber e todas as vozes que o constituem. Em sua discussão, Amorim propõe “o corpo do gênero discursivo” (p. 100). Para tanto, traça paralelos entre a atividade do ator e a do professor.

Amorim analisa situações de ensino, uma ocorrida no molde presencial e outra, no virtual, que aconteceram antes da pandemia global de Covid-19. Após suas excelentes análises, ela reflete, em termos dialógicos (e, portanto, filosóficos e epistemológicos), sobre a “abordagem político-discursiva da prática institucional do ensino a distância” (p. 114) em tempos pandêmicos, apontado para questões graves ocorridas em regimes fascistas, em que, havendo a negação dos valores culturais que constituem as vozes do saber, o

discurso docente, o discurso do próprio saber, corre o risco de ser enfraquecido, de perder seu “coral de apoio” (p. 116). É, assim, um ensaio fundamental para quem atua em sala de aula, com ou sem pandemia, sobretudo no âmbito universitário.

No quarto capítulo, temos a erudição de Irene Machado, livre docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pesquisadora reconhecida nos estudos discursivos e semióticos e autora de obras fundamentais nessas áreas. Em *Corpo grotesco bem temperado: ressonâncias em ritmo de Bach*, Machado inicia seu complexo percurso com reflexões sobre a luz e a sombra, a história das cores, sobretudo do preto e do azul, passando pelas tradições orientais. Toma de Décio Pignatari, presente na epígrafe do ensaio, o conceito de “luz em estado sólido” (p. 123), o que é uma pista de que o corpo do qual tratará é muito mais abrangente do que o molde do organismo humano.

Machado apresenta, então, seu outro, objeto/sujeito de diálogo e análise: o espetáculo *Bach*, do Grupo Corpo, tomado como *corpus* em versão gravada e comercializada em DVD em 2001. Nenhum aspecto parece escapar ao olhar analítico e atento da autora: numa descrição verbal esmerada, acompanhada de *frames* do DVD reproduzidos em altíssima qualidade, ela faz com que quem lê sinta os aspectos estéticos sobre os quais reflete: cenografia, figurinos, corpos animados e inanimados em movimento e estase, construindo ressonâncias, contrapontos e reverberações de sentidos.

Em êxtase, como quem acaba de sair da própria performance da célebre companhia de dança, o leitor, bem temperado, ganha, ao final do ensaio, uma aula sobre conceitos como dialogismo e polifonia e chega, com a autora, à proposição – não do senso comum, mas do pensamento bakhtiniano – do

conceito de grotesco, com a ambivalência como uma das chaves de construção de sentido. Dentro de uma obra ímpar, um espetáculo à parte.

Por fim, temos Tradução e interpretação: um ensaio sobre Libras, corpo de arte, capítulo em que se somam as vastas vivências em torno da Língua Brasileira de Sinais (Libras) de Carolina Fernandes Rodrigues Fomin e Vânia de Aquino Albres Santiago, ambas com sólida experiência em pesquisa e docência em Tradução e Interpretação Libras-Português e como profissionais na área, atuando, como tradutoras e intérpretes, em espaços artísticos e culturais, cada uma com especificidades em seu percurso. As autoras lecionam no Instituto Superior de Educação de São Paulo - Singularidades.

As credenciais de Fomin e Aquino, muito brevemente aqui apresentadas, tornam possível o complexo objetivo do ensaio, que é o de “refletir sobre a tradução e a interpretação para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e contextos artísticos culturais e sua relação com corpo, arte e dialogismo” (p. 147).

A atividade do profissional tradutor e intérprete de Libras (TILS) é analisada, por esse viés, em três gêneros distintos: espetáculos artístico-teatrais, contações de histórias e shows musicais. A reflexão das autoras aponta para os grandes desafios do TILS nessas esferas, pois o domínio das línguas de saída e chegada, nesses casos, precisam se aliar à capacidade pessoal de realizar performances o que, por vezes, passa por obstáculos impostos pela própria produção dos espetáculos, que cede ao TILS apenas espaços marginais nos palcos.

Além da original contribuição para os estudos do pensamento dialógico, tomando o corpo como suporte para a língua, o ensaio traz uma boa síntese da legislação que ampara a acessibilidade comunicacional e uma breve discussão sobre projetos culturais e editais que contribuem para sua efetivação.

Mesmo para quem desconhece a Libras, é possível acompanhar as reflexões, que se baseiam num *corpus* acessível pela descrição verbal e pela reprodução de algumas fotografias que flagram momentos da atividade profissional do TILS, muitas das quais do acervo pessoal das autoras.

Bakhtin e as artes do corpo inaugura a série LiCorEs (Linguagem, Corpo e Estética) da editora Hucitec e é uma obra fundamental para quem deseja conhecer mais sobre a abrangência dos estudos discursivos em geral e da ADD em particular.

Nota do editor:

Resenha submetida para avaliação em: 24 de maio de 2022.

Aprovada em sistema duplo cego em: 06 de julho de 2022.